

## SUICÍDIO

**2ª feira: 09/Junho/2003**

Bom dia ouvinte do Caderno manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Hoje quero convidar você a pensar um pouco sobre um assunto que mexe muito com todo mundo: o suicídio. Esse tipo de morte desperta mais horror que mortes naturais, e muitas vezes fica como um fantasma pairando sobre a família do suicida, assombrando a todos, como se todos fossem culpados; ou então ameaçando, como se houvesse uma sina familiar pro suicídio. Podemos afirmar sem nenhuma dúvida que o suicídio não é de forma nenhuma genético, não é hereditário e, portanto não há ninguém destinado ao suicídio.

Mas o que será que leva um ser humano a acabar com seu bem mais precioso que é a sua própria vida?

Na verdade, não dá pra saber os motivos particulares. Mas eles nunca são externos, por mais que o mundo seja duro e estressante. O que leva uma pessoa a se suicidar é sempre motivos que pertencem ao seu mundo interno, geralmente atormentado, confuso e contraditório.

Todos nós temos um mundo dentro da gente bastante complicado, principalmente em relação à vida e a morte. Veja como todos nós queremos o melhor pra nós e pras pessoas que amamos, veja como nos preocupamos com a segurança, com a saúde, com a preservação da natureza...Mas ao mesmo tempo, como muitas vezes buscamos situações sabidamente perigosas, ou como descuidamos de coisas valiosas, ou como maltratamos pessoas queridas...Enfim, todo o ser humano, sem exceção, convive desde sempre com duas forças paradoxais dentro de si. A gente tem um impulso pra vida, pra conservar e cuidar de tudo que está ligado à vida, impulso pra construir. É um impulso amoroso que nos leva a procurar a ligação com as coisas boas da vida como um companheiro, um trabalho, um lazer; nos leva a criar - laços, filhos ou obras de arte, não importa, o resultado é a criação. E ao mesmo tempo, a gente tem também algo dentro que parece que atrai pra uma outra coisa, uma tendência a destruir. Então, existe originalmente em todo mundo uma ânsia de vida, recheada de sentimento de amor, que é o impulso de vida, e também, lado a lado, uma ânsia de destruição, recheada de sentimento de ódio, que é o impulso de morte.

A gente não percebe claramente a ação desses dois impulsos, mas eles estão sempre presentes, combinados, ligados entre si, e um não existe sem o outro. Mas o que se espera é que o impulso de vida predomine na maior parte das vezes pra que a vida seja preservada e que os momentos construtivos prevaleçam.

Nem sempre é fácil fazer a distinção e saber qual impulso está prevalecendo. Por exemplo, a agressividade pode ser uma manifestação do impulso de vida ou do impulso de morte. Uma pessoa pode estar usando a agressividade pra se defender, pra se preservar, e aí é a favor da vida. Ou pode usar a agressividade pra atacar e aí traz prejuízos e é contra a vida.

A maneira de reconhecer é conversando consigo mesmo, o mais francamente possível.

No caso do suicídio não há dúvida: é o impulso de morte se sobrepujando completamente ao impulso de vida. Veja que o ser humano tem um inimigo escondido dentro de si mesmo, que não está nas esquinas, na escuridão, nos astros, e por isso não dá pra fugir dele. O que podemos fazer é conversar consigo mesmo, ter em mente todas as satisfações que já retiramos do fato de estarmos vivos, e tudo que ainda poderemos usufruir. Lembrar a si mesmo que a vida vale a pena. Às vezes não se consegue conversar assim consigo mesmo, aí podemos buscar alguém pra conversar, pra ajudar a dar mais força pro impulso de vida, pra que a esperança seja mais forte que o sofrimento.

Um bom dia pra você ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

**3ª feira: 10/ Junho/ 2003**

Bom dia ouvinte do Caderno manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Todos nós já tivemos pensamentos a respeito da morte. Pensamentos de auto-destruição também não são raros. Uma idéia suicida pode surgir quando alguém muito querido morre, e aí o que está em jogo é um desejo de se unir àquela pessoa que morreu, uma forma mágica de recuperá-la.

Também quando uma pessoa está se sentindo extremamente rejeitada e desamparada, se sentindo abandonada, sem esperança, pode surgir uma idéia suicida. Repare que em situações assim a tristeza e o desespero estão impregnados de ódio, ódio por quem abandonou, ódio do mundo, ódio da vida.

Talvez você já tenha vivido alguma coisa assim, um desespero tão grande e tanta raiva que passou pela cabeça a idéia de morrer. Pense um pouco e veja que numa situação dessas a idéia de morrer vem junto com um desejo de castigar a pessoa odiada, se vingar, fazer aquela pessoa sofrer de culpa. Quer dizer, não há um desejo de morrer mesmo. O desejo é de fazer o outro sofrer a qualquer preço, mesmo que se tenha que perder a vida pra isso. Acontece que mesmo que alguma vez este tipo de pensamento

tenha lhe passado pela cabeça, você está aí, bem vivo. O ódio não dominou. O impulso destrutivo não foi tão poderoso quanto o impulso pra preservar a vida.

É comum as crianças num acesso de raiva gritarem ameaças: "Eu vou morrer e aí vocês vão se arrepender". É exatamente o que acontece às vezes com adultos, só que têm pessoas que levam a ameaça até as últimas conseqüências e se matam mesmo.

Há também aquelas pessoas que querem fugir de um tormento e imaginam que a morte seria o caminho da fuga. Pessoas que se sentem um peso na vida dos outros, idosos, doentes graves, ou no desespero de fracassos, dívidas, perdas de todos os tipos.

Porém em qualquer circunstância tirar a vida é sempre destrutivo, nunca é um ato amoroso, mesmo que não pareça, mesmo que esteja recoberto de uma capa de amor.

Podemos dizer que o suicídio é um desejo de morte dirigido contra alguém, que se vira contra a própria pessoa, é como se o suicida na verdade estivesse dirigindo sua agressividade pra uma outra pessoa, só que esse outro está dentro dele. A própria palavra suicídio só surgiu por volta do século XVII. Até essa época, o sentido era de crime contra si mesmo, ou seja, um auto-assassinato. Só que não é só um assassinato de si mesmo, é o assassinato de tudo que ele é, é o filho de alguém que está sendo assassinado, o irmão de alguém, pai ou mãe, amigo, amante... Quem se suicida está também matando dentro de si todos aqueles que habitam o seu mundo interno.

Pense nisso, ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

**4ª feira: 11/ Junho/ 2003**

Bom dia ouvinte do Caderno manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Suicida é aquele que mata a si próprio. Mas é também aquele que se expõe deliberadamente a situações de alto risco, sem pensar nas conseqüências de seus atos. O comportamento auto-destrutivo vai desde descuidos diários como o da pessoa que fuma e bebe muito, o viciado em outros tipos de drogas, a pessoa que mantém relações sexuais com vários parceiros sem usar camisinha, até situações como o motorista que dirige perigosamente e morre num acidente. Essas pessoas são suicidas potenciais, que meio fazem de conta que não são mortais, e estão sempre flertando com a morte, mesmo que pareça que estão vivendo intensamente. São elas as principais vítimas de mortes que são aparentemente por alguma fatalidade da vida, mas que poderiam ter sido evitadas, se alguns cuidados tivessem

sido tomados.

Os suicidas crônicos que se matam lenta e gradativamente durante anos, são pessoas que por algum motivo não estão conseguindo sentir amor por si mesmos, amor pelo ser humano frágil e mortal que todos nós somos e que precisa de cuidados. Pouca auto-estima, remorsos muito intensos, enfim, são muitos os sentimentos que podem levar alguém a descuidar de si mesmo. Mas como entender que o ser humano possa ter um comportamento auto-destrutivo se isso vai contra o instinto de auto-preservação?

Acontece que amor e ódio, vida e morte, são forças antagônicas que movem o indivíduo desde o nascimento. O bebê quando sente fome ou frio e é alimentado e acolhido pela mãe, experimenta um sentimento de amor e gratidão. Mas se transforma em raiva quando se sente frustrado e desamparado por sua mãe. É claro que um bebê ainda não consegue dar esses nomes pras emoções, ele apenas adormece tranquilo quando está satisfeito ou grita e chora quando não atendido. Mas veja que nessas primeiras relações entre o bebê e quem cuida dele, seja a mãe verdadeira ou não, já estão presentes o amor e o ódio, por mais estranho que pareça, por mais angelical que seja qualquer bebê.

Os impulsos primitivos, selvagens, estão presentes em cada um de nós, e não desapareceram nem com o crescimento, nem com a evolução da espécie. Estão presentes, prontos para serem descarregados. Recentemente a gente pode assistir à maior expressão do instinto destrutivo no ser humano que é a guerra.

Mas apesar desse impulso destrutivo estar tão vivo, não quer dizer que a destrutividade seja inevitável e que todas as guerras, no mundo ou particulares, têm mesmo que acontecer e pronto. A civilização e a cultura serviram pra que o homem pudesse deslocar os impulsos destrutivos pra atividades organizadas, criativas, menos agressivas pra com seu semelhante. Pra uma convivência pacífica entre as pessoas é necessário aprender a lidar com esse elemento destrutivo que existe dentro de nós, principalmente valorizando tudo aquilo que adquirimos com o nosso desenvolvimento pessoal e também tudo que adquirimos com o desenvolvimento da espécie humana.

Pense nisso, ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.



[Programa de Rádio](#)  
["Escutar e Pensar"](#)